

Projeto do Programa PROBIC na área de Psicologia

Título do projeto proposto: “Novos Fundamentos para uma Pesquisa Clínica sobre Jacques Lacan, as Ciências e a Psicanálise”

Coordenador do projeto: Wanderley Magno de Carvalho

Aluno: Luana Brandão Vieira e Maria Eduarda Copatti Lopes

Vigência do projeto: 15/setembro/2020 – 14/setembro/2021

TRANSDISCIPLINARIDADE:

APONTAMENTOS SOBRE A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA

NO SEMINÁRIO 9 DE J. LACAN

O seminário 9 de Jacques Lacan trata a questão da identificação. Como é que nos identificamos aos outros (condição necessária para nos humanizarmos)? E com quais recursos podemos pensar esse processo psíquico? Em suas preleções, Lacan recorre a Freud para apresentar e acrescentar novidades a alguns tipos de identificação: a identificação primitiva ao pai, da qual o indivíduo extrai um traço único; a identificação regressiva na relação de amor, aonde o indivíduo recusa a si e assim identifica-se ao objeto; e, ainda, a identificação histérica (MARINI, 1990).

Nesse seminário Lacan recorrerá de forma concentrada às relações do sujeito com o significante. Este será pensado a partir de três instâncias: nomeação, a identificação e o traço unário. O traço unário é um conceito que Lacan apresenta a partir do conceito de traço único, retirado do texto de Freud *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921). Ele é uma marca distintiva; não remete à lembrança do objeto. Ele “é o que tem de comum todo significante, de ser sobretudo constituído como traço, de ter um traço por suporte” (Lacan, 1961-1962/2003, p. 35).

Como observa Alexandre Simões (comunicação pessoal), a maior parte da tradição freudiana considerava até aquele momento a identificação, como sendo a relação do sujeito com sua imagem. Lacan propõe que o que se trata na identificação deve ser a relação do sujeito com o significante.

Como a identificação se dá entre a criança e um Outro, ou seja, entre os processos psíquicos internos da criança e os processos vindos de alguém que exerce papel

preponderante sobre ela sendo, assim, processos externos a ela, Lacan se vê instado a pensar esta relação em termos espaciais.

Abordaremos as relações entre ciência e psicanálise neste seminário a partir deste ponto. Veremos o criador francês realizar um movimento científico chamado de transdisciplinaridade, no qual, os conceitos de uma ciência podem ser usados de forma inventiva por outra (neste caso, a psicanálise importando conceitos de outra ciência, a matemática geométrica, e propondo algo inédito para ambas).

Segundo Marcelle Marini (1990), este seminário traz tal novidade: "o projeto de criar uma estrutura topológica do sujeito a partir de uma disciplina que em matemática estuda os diversos tipos de superfícies constituídas pelo movimento de diferentes figuras geométricas" (MARINI, p 220). Ainda, em suas palavras "o Mestre esforça-se por construir uma ciência do sujeito" (MARINI, idem).

A topologia é exaustivamente usada e valorizada com fins de se formalizar a experiência psicanalítica:

vamos trabalhar com topologia. E é preciso trabalhar com ela, porque vocês não fazem mais do que trabalhar com ela a todo instante, quero dizer, quer vocês sejam lógicos ou não, quer vocês saibam ou não o próprio sentido da palavra topologia. Por exemplo, vocês utilizam a preposição *ou*. Ora, é bastante notável, mas seguramente verdadeiro, que o uso dessa conjunção só foi, no campo da lógica técnica, da lógica dos lógicos, bem articulada, bem precisada, bem-posta em evidência, numa época bastante recente, recente demais para que, em suma, seus efeitos já tenham chegado até vocês (LACAN, 1961-1962/2003, p. 252).

Parece-nos que Lacan deu continuidade ao projeto científico de Freud servindo-se das matemáticas topológica e algébrica, ora para ilustrar um postulado psicanalítico, ora para fazer avançar a teoria psicanalítica. E se, acompanhando Badiou (1988/1996), estivermos certos quanto à ideia de que o pensamento matemático (ou seja, científico) permeia o de qualquer outra ciência, não é errado dizermos, com Lacan, que agimos lógico-matematicamente em nossa prática da psicanálise, ainda que não o explicitemos. A exigência acadêmica é de que façamos tal explicitação e neste sentido é que temos trabalhado para fundamentar os futuros estudos clínicos.

Se a topologia das superfícies interessa tanto a Lacan é porque sendo o *ego* sempre corporal, como já enunciava Freud em *O ego e o id* (FREUD, 1923/1980, p. 40), é desse referente, o corpo, que Lacan também não se distanciará e sobre o qual se aprofundará

cada vez mais em sua jornada matemática. Já no mesmo seminário sobre a identificação, ele diz:

O privilégio dos orifícios orais, anais e genitais nos retém, porque não são verdadeiramente orifícios que deem no interior do corpo. O tubo digestivo é só uma travessia, é aberto para o exterior. O verdadeiro interior é o interior mesodérmico e os orifícios que ali se introduzem existem sob a forma dos olhos ou do ouvido, dos quais a teoria psicanalítica jamais faz menção como tais (LACAN, 1961-62/2003, p. 323).

Lacan (1961-62/2003) faz considerações como esta e em ligação com figuras topológicas, não para abandonar sua teoria do significante, mas para atá-lo ao corpo (assim como se ata um nó, ou como se faz um laço, um discurso): “um significante não terá sempre como lugar, uma superfície?” (p. 324).

Sendo o significante em sua encarnação corporal (vocal) descontínuo, o passo que Lacan (1961-62/2003, p. 325) propõe é o de se enlaçar a descontinuidade do corpo com a essência do significante: a diferença. Como fazer interpolar a diferença significante? Como fazer interpolar aquilo que permitirá ao paciente des-identificar-se ao Outro já que, tão maciçamente, o paciente tem a Ele se identificado em sua existência?

É aqui que a introdução da dimensão topológica, para além da escansão temporal, nos interessa. E é aqui que a noção de superfície topológica deve ser introduzida em nosso funcionamento mental, porque é só ali que toma seu interesse a função do corte (LACAN, 1961-62/2003, p. 326).

O significante é o corte, diz Lacan na lição de 30 de maio de 1962, e o sujeito é sua estrutura. O sujeito tem a estrutura de superfície e é o corte que engendra a superfície. Deste modo, Lacan (1961-62/2003) nos aponta tanto o valor que um significante x teve e tem na história de um analisante y , como também aponta (assim nós o interpretamos) que o analista deve cuidar do uso que faz das palavras durante a sessão:

E isso é muito importante, pois, afinal, é ali talvez que iremos poder apreender o ponto de entrada, de inserção do significante no real, constatar na *praxis* humana, que é porque o real nos apresenta, se posso dizer, superfícies naturais, que o significante pode entrar nele (LACAN, 1961-62/2003, p. 347).

Trabalhamos a partir do simbólico e da assunção do desejo que habita e liberta o paciente das suas armadilhas e engodos imaginários, socialmente construídos por ele.

DA ANGÚSTIA A UMA EXIGÊNCIA DE CIENTIFICIDADE:
APONTAMENTOS SOBRE A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA NO SEMINÁRIO
10 DE J. LACAN

O Seminário X de Jacques Lacan é sua grande contribuição para o tema do afeto que mobilizou parte da intelectualidade, bem como as práticas curativas voltadas para o seu *páthos*, ao longo de todo o século XX – a angústia. Também interpretada, muitas vezes sem que o percebam, como sinal e sinônima dos transtornos de ansiedade nas práticas psicológicas e psiquiátricas, a angústia foi objeto central da clássica obra de Martin Heidegger, *Ser e Tempo* – obra que influenciou, no mínimo, um dos patriarcas da psicopatologia psiquiátrica do século XX, Karl Jaspers. com o qual dialogam e outras vezes aderem, as psicologias.

A angústia ocupa lugar fundamental na obra do próprio Freud que escrevia *angst* para se referir a esse estado de aflição e até de desespero vivido por quem dela se acomete. Traduzida, pois, como *angustia*, *angst*, *angoisse*, e, quando em excesso, classificada de diversas formas dentro de um grande grupo de transtornos psiquiátricos/comportamentais (vide os atuais DSM e CID), a angústia foi longamente tratada por Lacan neste seminário X e, a seu respeito, podemos afirmar com Freud que se trata de um afeto privilegiado na experiência humana.

Mas também aqui nos importa a busca pelas referências de Lacan às ciências e à cientificidade da psicanálise. Na Seção I da segunda lição, ele questiona o critério de ciência que exige do próprio método científico, apenas a simplicidade. Na terceira lição diferencia o discurso da ciência daquele da magia apoiando-se nas leituras que faz de Claude Lévi-Strauss. Trata da relação que existe entre o objeto mítico e o objeto de desejo. Na mesma Lição esclarece que não devemos confundir o objeto do desejo com o objeto definido pela epistemologia. Dizemos, então que o objeto causa do desejo da psicanálise difere do objeto cognoscente da epistemologia tradicional, mas com ele guarda relações importantes.

Lacan situa a angústia como lugar de passagem a partir do qual o homem contemporâneo eventualmente se permite sair de uma visão ordenada do mundo, para os avanços das ciências que renunciam a isso (“Não é certo que exista um cosmo, porque

nossa ciência avança precisamente na medida em que renunciou a preservar qualquer pressuposto cósmico ou "cosmicizante", LACAN, 1961-1962/2005, p. 47). E não há como negar que ele situe também a psicanálise nesse campo das ciências, pois o faz alusivamente e explicitamente em diversas passagens, como nas Lições V (p. 70), VI (p. 89), VII (p. 113-115) e XXI (p. 325 – aqui, indiretamente, quando faz uma referência a E. Jones).

Na XIII Lição, o autor estabelece uma exigência para validarmos a cientificidade da psicanálise: “a psicanálise só pode ser corretamente situada entre as ciências ao submeter sua técnica ao exame do que ela pressupõe e efetua de verdade” (LACAN, 1961-1962/2005, p. 271). Essa técnica, ele esclarece adiante, é de um manejo, de uma interferência e um perpétuo questionamento acerca do desejo destes que nos procuram acossados precisamente por alguma inquietação, ou por evidente angústia. A formalização de uma técnica assim, é o que Lacan se propõe a fazer e o desdobrar, ainda mais, com o recurso à matemática dos conjuntos e dos nós da topologia, nos seminários seguintes e até ao fim de sua obra e vida.

O LUGAR DA PSICANÁLISE FACE
À CIÊNCIA HEGEMÔNICA MODERNA, À FILOSOFIA E À RELIGIÃO:
APONTAMENTOS SOBRE A PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA
NO SEMINÁRIO 11 DE J. LACAN

No seminário 11, Lacan recusa o termo “pesquisa” aplicado à psicanálise e diferencia a hermenêutica da interpretação psicanalítica. Diz que o objeto da psicanálise muda singularmente na sua evolução, bem como acontece aos objetos de toda ciência; renuncia ao transcendente implícito na posição do positivista que acredita numa ciência unitária, a qual “se refere sempre a uma unidade última de todos os campos” e finaliza a seção 2 da Lição 1, com a defesa indireta da pluralidade de ciências, em oposição aos discursos que se esforçam para limitá-las a uma única ciência, a um único modelo válido de cientificidade: “Não é de modo algum necessário que a árvore da ciência tenha apenas um tronco” (LACAN, 1962-1963/1988, p. 17).

É neste seminário que Lacan propõe a psicanálise como “ciência conjectural do sujeito” (LACAN, 1962-1963/1988, p. 46). De acordo com Popper (1994), toda ciência é conjectural até que seja submetida a testagens (as observações, dentre outros

procedimentos, vêm depois de uma conjectura). Se a teoria passa pelo teste, é ciência empírica, e se não passa, permanece ciência conjectural. Para ele, os sistemas metafísicos não são científicos, porque seus argumentos não são passíveis de testes e do critério de refutabilidade: “o critério que define o status científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada” (POPPER, 1994, p. 66). Daí sua colocação de que a psicanálise seria uma metafísica. Ela não seria nem mesmo uma ciência conjectural, uma vez que não seria passível de ser submetida a testagens. Contudo, é importante notarmos que Popper (1974/2010) não nega à psicanálise a capacidade de produzir verdades: “O caso da psicanálise é diferente. Ela constitui uma metafísica psicológica interessante (há alguma verdade nela, como frequentemente há nas ideias metafísicas)” (p. 126). Esta “alguma verdade” sugere um indiscernível pelo qual Popper simplesmente não se interessa, mas que à psicanálise, a outras ciências contemporâneas e ao filósofo contemporâneo Alain Badiou, sim. Pois Badiou (1991, 1996, 2015) afirma que as ciências, assim, como a política, o amor e a arte são procedimentos de verdades.

Na seção 2 da lição IV Lacan faz uma pergunta peremptória: “Será a Psicanálise, de uma vez por todas, uma ciência?” (LACAN, 1962-1963/1988, p. 49). Responde indiretamente que sim, pois o sujeito da psicanálise só seria possível a partir do cogito cartesiano que produziu as ciências Modernas. Trata-se da mesma posição que ele desenvolverá em um de seus escritos intitulado “A ciência e a verdade”:

“Dizemos, ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, que foi esse mesmo cientificismo que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome” (Lacan, 1965, p. 871).

Em resposta aos que compareciam ao seu seminário para indagar sobre a cientificidade da psicanálise, Lacan recoloca em destaque a noção de sujeito do inconsciente ao afirmar que a psicanálise não é uma “visão de mundo”, nem uma filosofia; que ela foi determinada historicamente e comandada por uma visada particular (de Freud) e que ela reposicionou, de maneira inédita, a questão do sujeito na medida em que o coloca como dependente do significante, talvez mais que de seu imaginário. Lembremos que para o psicanalista existimos em três registros (real, simbólico e imaginário). A passagem do ato perceptivo à constituição da ciência lhe parece ser um “encaminhamento espontâneo” (Lição VI).

Sem deixar de reconhecer que haveria uma desconexão do discurso científico em relação às condições do discurso do inconsciente (Lição XII), Lacan esboça sua união, ou melhor, sua intersecção, com o conceito freudiano de *Trieb* (pulsão). Afirma que Freud introduziu nas ciências a pulsão e que esse conceito será guardado “se ele traçar sua via no real que se trata de demarcar” (LACAN, 1965, p. 155).

Ao discutir a formação do psicanalista (início da Lição XVIII) Lacan denuncia, ao seu modo, o que há nas pretensões científicas de seu tempo, e com certeza, nas de alguns pesquisadores contemporâneos nossos: um certo absolutismo, até mesmo uma deificação do discurso científico, que o aproxima mais das religiões, que das ciências propriamente. Vejamos:

“Eu lhes mostrei, da última vez, o lugar por onde se engrenou o encaminhamento cartesiano que, em sua origem e em seu fim, não vai essencialmente para a ciência, mas para a própria certeza. Ela está no princípio de algo que não é a ciência no sentido em que, depois de Platão e antes, ela constitui o objeto da meditação dos filósofos - mas *A* ciência - o acento é posto nesse *A* e não na palavra ciência. A ciência, aquela na qual estamos presos, que forma o contexto da ação de nós todos no tempo em que vivemos, e ao qual não pode escapar o próprio psicanalista. porque ela faz, também para ele, parte de suas condições, é *A* ciência, aquela” (LACAN, 1965, p.219).

E finalmente, na Lição XX, o autor afirma que a psicanálise vai mais além da ciência que se coloca assim, num singular entificador (expressão nossa). Aquela, “*A* ciência”, que se parece com uma religião e não só para Lacan, como também para um dos principais filósofos do século XX, Martin Heidegger. O filósofo alemão já afirmava:

“Hoje predomina a crença de que somente a ciência proporciona a verdade objetiva. Ela é a nova religião” (HEIDEGGER, 2001, p. 45).

Contudo, ainda que proceda do mesmo estatuto de *A* ciência, a psicanálise desta se diferencia por estar em seu reverso e também por não se pretender absoluta e nem ser uma religião (LACAN, idem, p. 251). Pois “ela se engaja na falta central em que o sujeito se experimenta como desejo” (LACAN, idem). Algo completamente alheio ao que em grande parte das ciências contemporâneas referentes à humanidade, se acredita ser científico. E não só por razões epistemológicas.

APONTAMENTOS SOBRE A PSICANÁLISE E AS CIÊNCIAS MODERNAS NO SEMINÁRIO 12 DE J. LACAN

Na I Lição do seminário, Lacan instaura uma exigência de cientificidade para os psicanalistas. Ele nos diz que o pivô da práxis psicanalítica deve estar na formalização daquilo que a Modernidade cartesiana exclui, o sujeito do inconsciente, ou seja, a hipótese do inconsciente como apresentada por Freud (FREUD, 1915).

O psicanalista nos fala sobre a esfera interna que, sob o nome de realidade, temos a ver na análise: “realidade aparente que é aquela da correspondência, modelada aparentemente uma sobre a outra, de alguma coisa que se chama alma com alguma coisa que se chama a realidade” (LACAN, 2006, p 56).

É no intervalo do que tem “aparência de ser o que funda a correspondência do interior com o exterior”, intervalo a-percebido inclusive pelos filósofos, é aí que Freud descobriu uma outra cena do psiquismo humano, lugar dos processos psíquicos inconscientes. “O *heimilich* de Freud - e é por isso que ele é ao mesmo tempo o *unheimilich* - é isso: (...) essa coisa, esse lugar Secreto (...) é a outra cena (LACAN, 2006, p 57).

Na Lição XVII, partindo de uma discussão sobre o estatuto do psicanalista e o lugar do sintoma na experiência do paciente (“há um sujeito que sabe que isso lhe concerne, mas que não sabe o que é”, p. 333), Lacan reitera a função e importância do significante (o registro simbólico) para o analisando e para o analista. E afirma que ao segundo cabe a exigência de localizar em cada paciente, conforme cada história, o lugar aonde “o sujeito se vê ao mesmo tempo surgir e ao mesmo tempo se alienar pelo fato [da] incidência significante” (p. 335).

Na interpretação que faz de um texto no qual outro autor situa a psicanálise como ciência, Lacan tratará das relações entre a ciência e a verdade retomando sua discussão sobre o cogito cartesiano e sua influência desde o início da Modernidade. Para Lacan, o movimento de Descartes, no fim das contas, foi o de conservar “a carcaça da segurança tradicional das verdades eternas”, mas também o de se livrar delas. E este teria sido o ponto de abertura para as ciências: “E pela via aberta, a ciência entra e progride, o que institui um saber que não tem mais que se embaraçar com esses fundamentos da verdade” (LACAN, p. 410).

Na XXIII Lição, Lacan diz que nem o filósofo, nem o psicólogo são capazes de dar as condições de emergência do sujeito do inconsciente. Este está no próprio ato fundante da ciência Moderna realizado por Descartes com seu cogito ainda que, paradoxalmente, o filósofo francês o tenha abolido e colocado como garante das verdades eternas, o Deus de sua época.

Para nosso autor, a inovação freudiana foi a de apontar que há outras verdades além daquelas priorizadas pela Modernidade, verdades que ficam no lugar inconsciente frequentemente abolido pela própria nova época e aonde o indivíduo se aliena tão vigorosamente nos saberes produzidos. Essa alienação é constitutiva da própria démarche cartesiana e de tudo que resultou dela: Newton, William James, a Revolução Industrial, a necessidade de encontrar mão de obra adequada para ela e, conseqüentemente, o marxismo, o surgimento da psicologia científica – científica no sentido de adequada ao modelo hipotético-dedutivo e lógico-experimental –; algumas filosofias do século XX, as Grandes Guerras, o behaviorismo e seu opositor ideológico (as psicologias humanistas), a psicofarmacologia, o neurocientificismo etc.

Alienado nas superestruturas desses saberes que, de saída, moldam mentalidades desde a infância, cada um se aliena neles e ali também inicia o esquecimento (recalque) da “outra cena” do seu próprio psiquismo. Depois, inevitavelmente virão os sintomas e o mal-estar na cultura.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, A. (1991). *Manifesto pela filosofia*. Rio de Janeiro: d’outra.
- BADIOU, A. (1996). *O Ser e o evento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Ed. UFRJ. (Trabalho original de 1988).
- BADIOU, Alain. (2015). Por uma nova definição da verdade. *Ágora*, XVIII(2), 169-180. Rio de Janeiro. Capturado da internet em 19/09/2021, de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v18n2/1516-1498-agora-18-02-00169.pdf>
- CARVALHO, Wanderley M. (2014). Da psicanálise como uma ciência particular do singular. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)*, v. 14, p. 967.
- CARVALHO, Wanderley Magno de. (2017). *Psicanálise: ciência do singular*. 246 f. Orientador: Oswaldo França Neto. Tese Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

- Freud, S. (1915/1996). O inconsciente. In *ESB*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago. FREUD, S. (1921/2010). Psicologia das massas e análise do eu. In *ESB*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- HEIDEGGER, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes.
- MARINI, Marcele. (1990). *Lacan - a trajetória do seu ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LACAN, Jacques. (1988). O seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Lacan, J. (1988). A ciência e a verdade. In *Escritos*, livro I. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques. (2003). *O seminário, Livro 9 – A identificação*. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.
- LACAN, Jacques. (2005). O seminário, Livro 10 – A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- LACAN, Jacques. (2006). Problemas cruciais para a psicanálise. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.
- POPPER, K. R. (1994). *Conjecturas e refutações*. (3a ed.). Brasília: Editora da Universidade de Brasília.